Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3871unse

Ano XXXVIII – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de agôsto de 1962 – N. 7

REVISTA INTERNACIONAL DO ESPIRITISMO

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR:
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

Jovem Espírita: A Grande Esperança — *Natalio Ceccarini*
O Espiritismo, o Hipnotismo e os estados d'Alma . . . . . — *Carlos Imbassahy*
Unificação . . . . . — *Newton G. de Barros*
Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard . . . . . — *V. O. Casella*
No Turbilhão . . . . . — *Philemon*
Estudos Doutrinários . . . . . — *Deolindo Amorim*
Pela Unificação do Espiritismo . . — *André Dumas*
Serões Bíblicos . . . . . — *Luiz Caramaschi*
Crônica Estrangeira . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

Seara dos Médiuns

1.a EDIÇÃO

E' mais uma valiosa obra do Espírito de Emmanuel, significativa homenagem a «O Livro dos Médiuns», que no ano corrente perfaz um século de existência.

Deste livro da Codificação kardequiana são estudados por Emmanuel inúmeros textos, em torno dos quais êle tece, com aquela clareza e precisão que o caracterizam, luminosos e oportuníssimos comentários e esclarecimentos.

Todos irão apreciar o conteúdo de «Seara dos Médiuns», cuja utilidade, se é evidente para os médiuns, o é também para os espiritistas em geral, sejam êles diretores de Grupos, doutrinadores, experimentadores ou simples estudiosos.

Há muito que aprender nesta nova obra de Chico Xavier, cujos excelentes ensinos devemos reler, meditar e, sobretudo, aplicar.

Volume brochado cr$. 240,00.

SYLVIO BRITO SOARES

Páginas de Léon Denis

1.a EDIÇÃO

Nesse livro de leitura amena e agradável, o Autor, Dr. Sylvio Brito Soares, apresenta-nos magnífico estudo sintético da vida e da obra de Léon Denis, o inesquecível Apóstolo do Espiritismo, fiel discípulo e continuador de Allan Kardec.

A excelente biografia do grande filósofo, escritor e conferencista francês, seguem luminosas e belíssimas páginas selecionadas de tôda a vasta obra do incomparável doutrinador, obra que tem sido acolhida com um sentimento de profundo reconhecimento e justa veneração.

O trabalho ora preparado é bem sugestivo sob diversos aspectos, constituindo um documentário sereno, imparcial e sobretudo instrutivo de uma frutuosa vida apostolar.

Volume brochado cr.$ 250,00.

A' VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos pelo Reembolso Postal

Aviso aos nossos assinantes

Em virtude de novos aumentos verificados nos preços de tôdas as utilidades gráficas, como sejam, o papel, tipos, tintas, massa para rolos, cartolina para capa, arame para grampear, cola e outras, indispensáveis para a confecção de uma Revista e, ainda mais, o novo aumento salarial anunciado para o próximo mês de outubro, somos forçados, bem contra nossa vontade, a aumentar o preço de assinaturas desta Revista, as quais passarão a ser as seguintes, a começar dêste número :

ANO Cr.$ 350,00 - SEMESTRE Cr.$ 180,00

Sendo esta a única solução que encontramos para que esta obra de Cairbar não venha a perecer, esperamos contar com a compreensão e a indispensável cooperação de nossos prezados assinantes.

A REDAÇÃO.

ANO XXXVIII — E. S. Paulo — Matão, 15 de agôsto de 1962 — NUM. 7

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas: Rua Rui Barbosa, 1070

Jovem Espírita: A Grande Esperança

Por Natalio Ceccarini

NA juventude se renova tôda esperança.

Esperança dos quais fìsicamente desejaram ser jovens, mas que espiritualmente continuam sendo-os e se sentem interpenetrados por quantos se acham em tão formosa idade.

Porque a juventude, mais que um estado físico, é uma aptidão da alma.

Há jovens que espiritualmente são velhos. São os que não têm futuro, nem ideais pelos quais lutar, nem amores por que viver.

São almas indiferentes à tôda solicitude de vida ; incapazes de conhecer e gozar a beleza ; frias para todo ardor idealista.

São os jovens que formam a juventude de nossos dias ; jovens porque a idade assim o evidencia ; mas a rigor, ainda permanecem na infância pelas reações que os caracterizam, ou bem, comportando-se antecipadamente alcançam a prematura idade adulta, que os sacia, torna indolentes, e morrem vivendo para os grandes interêsses da existência.

Estão os outros, os verdadeiros jovens de corpo e alma onde se acham a candura, a pureza, a alegria de viver, comportando-se em relação à sua idade, constituindo-se em depositários de tôda esperança.

Esperança num futuro luminoso e feliz, só como os jovens o pressentem, elaboram e por êle trabalham.

Esperança numa manhã que não pode assemelhar-se ao hoje, superior e superado em tudo quanto o presente o torna amargo, incerto, doloroso.

O hoje que em rigor, não foi o ôntem dos que eram seus jovens e o sonharam diferente, é experiências entezouradas e luz que alumia o jovem presente, agitando seus ideais e canalizando suas energias, na construção do amanhã.

Esta certeza torna mais viva, mais esperançada, a fé e as urgências do jovem espírita.

Pois, o jovem espírita o é totalmente : em corpo e alma. Não cabe nêle a frustração, nem a angústia, nem a decepção. É luz radiante, dinâmica, feliz, segurança de triunfo.

O jovem espírita vive sua própria hora. Nem antes nem depois. Em seu justo momento. Êle lhe concede a serenidade necessária para um pensar adequado, um sentir confiado e sem reservas, um fazer íntegro e sem resignações.

A châma que alenta o espírito do jovem espírita e que o abrasa de ardor fraterno, é a verdade de seu roteiro : imortalidade, perfeição, eternidade.

As frivolidades da época que vive

não têm sonoridade em sua mente nem em seu coração; sabe que são vasias, perniciosas, paralizantes. Vive, sim, em plena juventude. Goza de tôdas as delícias que a beleza e a alegria do viver proporcionam. Sua vida é permanente emoção, no amor e na luta, no ideal e no serviço.

Não crescem no jovem espírita, pois não têm ninho nem alimento, as torpezas sexuais, nem a concupiscência denegrante, nem baixeza alguma.

Não conhece o jovem espírita atalhos que torcem o sentido da vida, pois sua alma é protegida para que a mácula não a salpique e permaneça a pureza.

Sim, pelo contrário, distingue-o a lealdade, a fé, a retidão.

Cultiva a amizade, gera a alegria, acende a esperança.

Tudo isso não só é possível, mas certo, pois o jovem espírita é orientado pelas luzes que descem do Alto, nutrido por fôrças que se tornam de sua mesma essência espiritual.

Daí, a renovação de tôda esperança, nessa juventude. Melhor ainda, nossa GRANDE ESPERANÇA se vitaliza, agiganta e confia realizar-se.

Nela só vemos a beleza que não morre, a fé que não declina, o amor que não desfalece, o canto que não silencia.

Juventude! Juventude espírita: que o ideal sempre guie os passos que darás em sua demanda. Que o fogo, símbolo distintivo de todo jovem, jamais se apague, mas essa febre que impulsará seu existir, seja expressão de vida, perseverança, triunfo.

Mas no jovem espírita, o fogo de vida, compensado pelo pensamento sereno e elevado, o sentir abnegado e puro, a vontade atuante e segura.

No jovem espírita: depositada está a semente da Boa Nova e a certeza de seu exemplo vivificante cumulará a esperança de quantos, fisicamente, deixaram para trás a juventude.

Jovem espírita, procura o conselho sábio, a advertência feliz, a lição edificante, dos que hoje olham para a juventude, em seus olhos limpos, em suas mentes sem reservas, em seus peitos entremecidos de júbilo, ao saberem que são depositários da GRANDE ESPERANÇA.

O ESPIRITISMO, O HIPNOTISMO E OS ESTADOS D'ALMA

— III —

O estado emotivo pelo qual o indivíduo aceita determinada doutrina não é apanágio apenas de religiosos; os cientistas também não lhe fogem ao império.

O interessante é que êles supõem que tal percalço cabe ùnicamente às pessoas de fé, aquêles a quem falta cultura, lógica ou discernimento científico. Não percebem que em determinados assuntos, como acontece com a Metapsíquica, revestem as suas idéias com graciosos enfeites, dificultam-nas com termos técnicos e deixam-nos espetados nas suas conclusões. Depois daí é cantar vitória e fragalhotear da ingenuidade espírita.

Os atuais hipnologistas vão nessa alheta. Por manter a tese de que o Espiritismo é Hipnotismo afastam sistemàticamente tudo o que pode contrariá-la, fatos e provas, esclarecimentos e razões.

Não é sem pesar que vemos o nosso estimável e esclarecido Dr. Osmard Andrade nêsse contubérnio. Preferiamos que êle fôsse uma notável exceção, dessas que a posteridade aponta como precursores e avançados na sua época.

Aliás, parece que a Hipnologia fêz um recuo. Os antigos magnetizadores não desprezavam o fato metapsíquico. O hipnólogo moderno nem o registra, passa de largo, e quando é forçado a prestar-lhe atenção, não perde tempo em classificá-lo: o caso transfere-se para o domínio da hipnologia e fica englobado num título só. Daí assimilarem o Espiritismo ao Hipnotismo, sem verificarem ou sem quererem perceber os limites que os separam, os pontos em que divergem, as razões por que se torna im-

possível a confusão, a dificuldade de meter um na engrenagem do outro.

Há, na verdade, fenômenos de fundo anímico ou espirítico que principiam pela hipnose. E há fenômenos hipnóticos que se assemelham aos espiríticos, não porque haja nestes os elementos próprios daqueles, mas porque existem em ambos os verificáveis no desprendimento do Espírito. O sono profundo facilita a bilocação, a separação entre os dois corpos, o físico e o espiritual, e daí as revelações que o Espírito apresenta, dizendo o que viu ou ouviu nos lugares a que se transportou, voluntàriamente ou por comando.

É o que deveriam observar os nossos amigos, se não tivessem as vistas lançadas obstinadamente a determinados alvos como a agulha magnética para determinada direção. Tomemos um exemplo dêsse afastamento, na hipnose; dessa liberação momentânea por ordem do experimentador. O caso é narrado por Le Loup de Sainville em *Perceptions extra-sensorielles*. V. *Rev. Met.*, 1927:

Numa sessão mandou êle que a médium adormecida fôsse ao castelo de Perchais e visse o que fazia sua irmã, a Sra. Sébert. A paciente declara não ter achado ninguém. O experimentador pede então que, pelos fluidos deixados no salão, busque descobrir o paradeiro da senhora. Diz-lhe então a senhorita H. G.: — Sinto-me no ar; estou muito alta no espaço... Como estou leve, como me sinto feliz!... Acho-me agora diante do castelo...

Descreve então o castelo, penetra nêle por uma janela, percorre-o, e descobre a Sra. Sébert num quarto; diz o que ela estava fazendo, isto a 100 quils. de distância. E volta ao corpo. Verificou-se a exatidão de tôda a narrativa.

Têm-se visto fatos idênticos sem qualquer influência hipnótica. É comum nos que deixam o corpo, aquela sensação de bem-estar, de leveza, de higidez, sensação que poderiamos comparar à do pássaro solto, se lhe conhecessemos as sensações.

No grande acervo de fatos semelhantes nota-se, pela descrição dos pacientes, que êles se desligam do soma, transportam-se e narram o que vêem *in loco*. Muitas vêzes percebem o corpo inerte, que acabam de deixar, afastam-se, ainda o notam de longe, atravessam paredes, perambulam, percorrem distâncias, vão ao ar livre, ao espaço, sentem-se eufóricos, são vistos, retornam ao corpo e contam tudo o que passou.

Tivemos ocasião de narrar grande cópia dêsses casos no livro «Evolução», que não transcrevemos por não repetirnos e pelos limites dêste artigo.

Temos, pois, o desprendimento, sem hipnose nenhuma. O fenômeno aqui é portanto de bilocação e não de hipnotismo. Mesmo no transe hipnótico ou magnético há fatos que demonstram a conexão com o mundo invisível.

Certa vez, a célebre sonâmbula Letice dava a seu magnetizador umas tantas prescrições terapêuticas, e acrescentou:—Você ouviu bem o que êle disse?

—Êle quem? perguntou o doutor.

—Como? — replicou, admirada, a sonâmbula — não o ouviu?

— Não. Não ouvi voz nenhuma, nem vejo ninguém.

— Ah, tem razão—replicou a moça — Você dorme, enquanto eu estou acordada. Eu distingo o que lhe escapa... vejo o invisível aos seus olhos... compreendo o que você não pode compreender... (Chardel. — *Physiologie du Magnetisme)*.

Para que não se vejam nêsses fatos suspeição ou sugestão, ouçamos um dos maiores cépticos em Espiritismo, o Dr. Eugène Osty:

«Todos os indivíduos dotados de conhecimento paranormal, que estudei, uns espíritas, outros não, tinham a convicção da sobrevivência, exceto um.

«A refratária era a Sra. M., cuja faculdade só funciona em sono profundo. Certa vez lhe perguntei:—Êsse homem cujo fim dramático acaba de me revelar, está morto, aniquilado, desaparecido para sempre, sem existência?

«— Não, isto não —respondeu-me. — Não está aniquilado. Para a minha clarividência êle existe, eu o sinto, eu estou certa disso...

«Dêsse acôrdo unânime de numerosos indivíduos que dispõem de uma faculdade em condições tais que os sentidos e a razão ficam ininformados, que pensar?...» (*Rev. Mét.* 1934, p. 235).

De onde se vê que em hipnose profunda o Espírito entra em contacto com o plano transcendental, e o que nos

transmite está nos moldes da hipótese espírita.

* * *

Em regra, um bom médium não é um bom *sujet* hipnótico, o que invalida profundamente a tese hipnológica, que vê no transe espirítico um transe hipnótico. Casos há, porém, segundo referem alguns, em que o hipnotizado, profundamente adormecido, entra em contacto com os defuntos. (Veja-se Rossi-Pagnoni e Dr. Moroni.—*Alcuni saggi di mediunità ipnotica).* Paris, 1889.

Afirmam os hipnólogos que não há sono em hipnologia, ou que é grande a diferença do transe hipnótico para o sono comum. Mas tanto num como noutro, quando o adormecimento é profundo, há o desprendimento espiritual, e o Espírito percebe o que no soma não lhe seria permitido perceber.

No sono comum há o repouso do sistema nervoso, e até certo ponto do vegetativo, com o enfraquecimento da vida dos tecidos ; entretanto, como já vimos, é intensa nêle a vida psíquica. E dizia Primot : — É durante o sono que os mais extraordinários fenômenos da vida psíquica se manifestam. (A. Primot. —*La Psychologie d'une conversion.* Paris, 1914).

Um pouco de critério científico nos fará ver, daí, que se há um símile entre transe hipnótico e espirítico, êle vem provar a tese espírita e não os princípios em que se firmam os doutos mestres da Hipnologia.

* * *

O indivíduo faz a sua construção mental. Se alguém lhe mexe num tijolo, temos transformada a construção e perturbado o construtor. Daí fecharem olhos e ouvidos a qualquer inovação pouco tranquilizadora. E o cientista procede como qualquer sectário, embora suponha que o sectarismo é do vizinho. Essa atitude é o que se chama um estado d'alma.

Nos fenômenos subjetivos o ser comunicante não se limita a dizer que é o falecido—, obstinação que deveria dar o que pensar —, senão que também o demonstra, como já vimos, deixando-nos a convicção de que só o defunto que se diz presente poderia apresentar-se daquela forma : é o morto com suas idéias, seus conhecimentos, sua escrita e sua fala, seus pendores e manias, sua cultura ou incultura, tudo que lhe constituia a entidade psíquica. Isto levou Bozzano a afirmar :

«*Se la comunicazione avviene con un defunto sconosciuto a tuti, é chiaro che la sua identificazione esclude la facoltà sub-consciente e implica l'interpretazione spiritica*».

«Se a comunicação provém de um defunto totalmente desconhecido, é claro que sua identificação exclui a faculdade subconsciente e implica a interpretação espirítica».

E é mais claro ainda que nenhuma explicação além desta pode subsistir. Falha, portanto, lamentàvelmente, o Sr. Artur Ramos quando afirma que a incorporação mediúnica nada mais é que indução auto-hipnótica, sem qualquer relação a mais distante com entidades sobrenaturais, revivescência de pessoas mortas ; e falha, conseqüentemente, quem lhe fôr nas águas, porque o sociólogo dá provas da mais crassa ignorância quando entra no terreno da Psicologia paranormal.

Até o sobrenatural meteu êle em estudos sérios. E mais absurda se nos mostra sua opinião, se fôrmos aos casos complexos, onde as manifestações se apresentam fora do homem, o que lança por terra tôda a trama psico-cerebral, onde já não podem entrar os neurônios, o córtice, a inibição, os arcos reflexos, as conexões temporárias...

É preciso forjar um entrosamento de processos, uma variedade de fenômenos, uma verdadeira miscelânea doutrinária, onde se perde o hipnotismo, para ajeitar tudo à multiplicidade de fatos com que o Espírito demonstra a sua presença.

Reportemo-nos a um exemplo clássico :

Em 1847, dez anos antes de Allan Kardec, apareceram uns ruidos estranhos numa aldeia do Estado de Nova York. Foi o «ruidoso» caso de Hydesville. Há o alarma em família ; acorrem os vizinhos, intervêm estranhos. Estabelece-se por fim um código com as pancadas. E elas se dizem produzidas por um Espírito que se chamou Charles Rosma, vendedor ambulante ; que fôra assassinado nessa casa por antigos moradores, para o roubarem, e que o enterraram na adega.

Entraram a fazer pesquisas. Não conseguiram encontrar o corpo, mas viram os vestígios de inumação e petrechos do caixeiro, na adega. De busca em busca, acharam a criada dos assassinos, de nome Lucrécia Pulver, a qual confirmou a chegada de um vendedor ambulante na casa, e que aí dormira; declarou que seus patrões a fizeram pernoitar fora; que de volta à casa já não encontrou o hóspede, mas viu alguns dos objetos que êle trouxera, nas mãos dos patrões; êstes diziam tê-los comprado; que descendo à adega caiu ou escorregou em buracos que lá não existiam, explicando-lhe o patrão que eram produzidos pelos ratos; e apressou-se a tapá-los.

Houve um verdadeiro alarma em tôrno de tais acontecimentos. É difícil narrar as aflições por que passou a família, e principalmente as moças, com a casa invadida, a princípio por simples curiosos, depois por grande massa popular; já não podiam fazer mais nada, num alvoroço infernal; e vieram investigadores, e peritos, e doutos, e religiosos, e por fim as comissões, que usavam processos quase inquisitoriais: amarrava-nas, acorrentavam-nas, encadeavam-nas, despiam-nas. Como sempre acontece em tais circunstâncias, doutos e indoutos, religiosos e profanos, acoimavam-nas de embusteiras. E quanto mais probantes eram os fenômenos, maior a grita e a revolta.

Como faziam elas parte da Igreja Metodista, foram expulsas. E os fenômenos, não obstante os apodos, as excomunhões, os inquéritos, as comissões de arrocho, continuavam a produzir-se invariàvelmente, com as moças presentes ou ausentes, como já se produziam com o inquilino anterior, que mais esperto que os Fox, mudou-se à tôda pressa.

O tempo que tudo acalma, fêz esfriar a efervescência. E 56 anos depois, quando já ninguém falava naquilo, e se passara uma geração, cai uma parede da casa onde moraram os Fox e por baixo aparece o esqueleto do bufarinheiro.

Eis o «fato» que somos obrigados a reduzir miseravelmente, muito contra a vontade.

Apesar do aspecto espirítico que deveria impor-se, temo-nos que avir com o aprofundamento hipnótico e a somação de focos de inibição cortical.

Parece-nos impossível evocar a sugestão externa, porque não havia sugestionador; nem a interna, porque não se vê como descobrir a indução autohipnótica. Não saberíamos como achar o foco excitatório, o comando vigil produtor do ato reflexo. Onde estaria a imagem influente, onde estaria a origem interoceptiva?

Não se pode perceber o impulso, o móvel, o foco, a excitação, endógena ou exógena, capaz de produzir a série dêsses fenômenos que se apresentam com a feição espirítica em tôda a sua evidência: pancadas em diversos pontos, diálogos, a declaração de se tratar de um morto, o assassinio, os indícios dêsse assassínio e finalmente a descoberta completa do fato revelado.

A família era protestante, fazia parte de uma igreja protestante; as médiuns não acreditavam em Espíritos, ao contrário, seguiam os ensinos do catecismo e chamavam a entidade manifestante de *Mister Splitfood,* ou seja o Sr. Pé Rachado, ou Pé Fendido, ou Pé de Cabra, que era o Sr. Demônio. Tôda a assistência participava da mesma crença, e as moças escaparam até de ser linchadas. Kardec, com a doutrina dos Espíritos, não poderia ter retroagido a Hydesville.

É preciso, pois, grande imaginação, fôrça indômita como a de Peri, no Guarani, e a coragem dos espartanos nas Termópilas, para ver naquilo um comando hipnogênico, a retenção de idéias e conceitos no cérebro, a reprodução de impresoões ou um reflexo de origem interna.

* * *

O fenômeno de Hydesville é um entre muitos. Êste possui o valor de sua forte documentação.

Ver um produto hipnótico numa série de fatos que nada têm com a mente, nem mesmo com a subconsciência; onde se denuncia um episódio desconhecido de todos; onde o batedor se afirma um falecido, contra a opinião e a crença gerais; onde prova o que diz; onde se verifica, pela revelação extrinseca ao médium ou aos médiuns o que só o acaso desvendou, apenas se explicaria, dado o valor dos preopinantes, por um estado d'alma.

Carlos Imbassahy

Unificação

Newton G. de Barros

UNIFICAÇÃO é a palavra doce que está circulando nos meios mais movimentados do Espiritismo pátrio...

A palavra vai sofrendo as influências etno-geográficas e psico-subjetivas das vésperas do terceiro milênio!

Unificação, para uns, é não fazer congressos. Basta substituir o vocábulo por concentração, semana, tertúlia, confraternização...

Para outros, é atacar os irmãos que, embora baseados nas obras da codificação, não ficaram limitados em suas atividades aos confins das linhas geodésicas da geografia política.

Para terceiros, é não admitir que um determinado espírito fale em tôdas as partes e por tôdas as bôcas...

Enquanto o «diz-que-diz-que» vai azedando e envenenando, o estudo dos livros de Allan Kardec está sendo relegado para um plano secundário. «Espiritismo de vivos» passou a ser confraternização dos que pertencem a uma determinada igreginha, já confraternizada.

O Espiritismo municipal é a base do «pacto áureo». Sem a unificação dos Centros de cada Município, a palavra permanece sôlta ao vento, ou morta no papel.

Temos ouvido, no interior, as velhas citações:

— «Leopoldo Machado e Alberto de Barros disseram...»

Sim, disseram e realizaram. Cada um à sua moda. Mas estudaram e combateram o êrro com a autoridade moral de seus conhecimentos.

E Alberto de Barros foi o oposto de Leopoldo Machado nas suas campanhas. Um imitava Pedro. Outro seguia Paulo. Um falava baixo e realizava no seu Município. O outro falava alto e construia para o mundo. Um era manso e prudente. O outro era altivo e ousado. Um enfrentava a FEB de igual para igual. O outro era a submissão e o respeito. Mas conviviam sorrindo, discutindo e amando, como mandava Jesus. E deixaram realizações de compreensão e amor!

Iniciaram suas lutas quando o Espiritismo era emprêsa de pioneirismo. Era lide abençoada de pequeninos grupos e humildes. Feriram os corações nas urzes do achincalhe e, até mesmo, da perseguição religiosa...

Unificação para muitos «lideres» — e foram tantos, e tantos, por êsses Brasís benditos — era conhecimento perfeito da doutrina e muito amor ao próximo.

Unificação não é uma fria estrutura hierárquica, exigência das novas técnicas administrativas. Em nossa Religião o arcabouço tem que ser estruturado na fraternidade de indivíduo para indivíduo.

Em nosso município — Nova Iguaçu — a União Municipal planejou o estudo metódico do Espiritismo. Chegámos à conclusão de que deviamos acompanhar as técnicas modernas de ensino e aprendizagem, em benefício da unificação verdadeira.

A Federação Espírita Brasileira é, para a UMENI, a autoridade

máxima do Espiritismo brasileiro. Cerramos fileiras em tôrno dela. E estamos levando Allan Kardec, com o coração, para todos os irmãos que se dizem espíritas.

Não atacamos ninguém. Não ferimos! Não separamos. Não criamos casos para nossa Federação estadual. Não tememos os maledicentes de dentro e de fora. O nosso lema tem sido, graças a Deus, esclarecer para unificar.

Freqüentamos a FEB. Apoiamos a Cidade da Criança, com as nossas preces. Assistimos às aulas do ICEB. Somos sócios da UEBEA e da OEE.

Onde houver as obras fundamentais de Kardec e um coração vibrando de entusiasmo pela doutrina, a UMENI aí estará.

Se em cada município brasileiro houver estudo metódico da doutrina, fundamentado nas obras do Codificador, e o desejo de praticar o «fora da caridade não há salvação», cremos que a Unificação deixará de ser um vocábulo vasio. Vasio e inexpressivo ante a nossa realidade. E o mais lamentável: brilhante que se costumou atirar na face dos outros antes de engastá-lo nas alianças de uma fraternidade cristã. Estamos vibrando com Wantuil de Freitas na FEB, Deolindo Amorim no ICEB, Lydio Diniz Henriques na OSCAL, Vovô Vitorino na UEBEA e D. Maria Rosa Cavalcanti na OEE, pelo estudo estimulado e pela UNIFICAÇÃO fraterna de nossos corações.

«O Brasil é a Pátria do Evangelho». Mas Evangelho é, acima de tudo, «amor ao próximo como a si mesmo».

Revides aos Contra-Rebates do Dr. Osmard

XI

Foi infeliz o dr. Osmard, com o seu—Abstratos e Concretos—, ao confirmar o que acabamos de dizer no nosso artigo anterior, de que os seus conceitos científicos são interpretados ao inverso da ciência.

Lá no seu livro, para garantir a sua última tese, de que as ondas elétricas do cérebro, observadas por Cazzamalli, seriam pensamentos concretizados em radiações, evocou os cientistas Berger e Adrian. No entanto, a sua interpretação do que dizem os dois sábios fôra invertida, porque os dois pesquisadores, pelo contrário, declaram que as ondas elétricas do cérebro não são radiações do pensamento. E assim, o dr. Osmard, de um modo lamentável, colheu uma coisa por outra, tal qual também como invertera aquêles conceitos de Crookes, que nos valeu um têma, na Revista de 15-12-61. E de êrros de interpretação, construiu tôda sua tese, sôbre bases falsas, como passaremos a ver.

Vejamos o conceito dos dois cientistas, na literatura «Os Mistérios da Ciência», do Prof. A. W. Haslett, do King's Colege (Inglaterra), onde, na pág. 213, se lê:—«A elucidação da atividade nervosa preparou ainda o caminho para se obterem os gráficos da atividade elétrica do cérebro, trabalho realizado a primeira vez pelo Prof. Berger, e mais tarde repetido e ampliado pelo Prof. Adrian. (...) Verificou o Prof. Berger que quando os olhos estão fechados estabelece-se uma corrente elétrica uniforme (...). Êsse ritmo pode, contudo, ser alterado quando, por exemplo, o pensamento se firma num exercício de soma que seja bastante difícil, para exigir a concentração total da atenção do paciente.

Todavia, é impossível distinguir a alteração do rítmo produzida por semelhante motivo, de uma outra qualquer, determinada pela meditação de um problema filosófico ou algum outro esfôrço que encerra igual dificuldade. A corrente que se deixa medir, em tal caso, é *característica de um estado cerebral* em que a consciência não esteja firmemente fixada em nenhum problema.»

Façamos aqui um parênteses para salientar que a explicação aí é complexa para o leigo, como também teria sido ao nosso opositor. Note-se ali onde diz «característica de um estado cerebral.» Isso o dr. Osmard lá no seu Hipnose e Letargia interpretou no sentido de «mental», quando um e outro são de naturezas opostas, pelo conceito psicosoma, da própria ciência médica. Tanto assim que aquêle relato separa, com clareza, ambos os conceitos, quando, logo mais adiante, continua :—«As ondas observadas são na realidade, ONDAS CEREBRAIS, de inatividade E NÃO DE PENSAMENTO.» (nossos todos os grifos.)

Mas o dr. Osmard, entendendo uma coisa por outra, julgou-se firmado nos dois sábios, e assim enganado, levou-os para sua tese.

E o mais interessante é o fato de que êsses sábios ainda obtiveram uma experimentação científica, comprovando não serem as ondas cerebrais originadas do pensamento. E o dr. Osmard, apesar da clareza do relato, também interpretou-o ao avêsso, como se ali estivesse uma prova de laboratório para a sua tese. E com mais essa infelicidade, levou o caso para o seu Hipnose e Letargia, onde se lê na pág. 214 : — «Há perto de 30 anos o cientista alemão Hans Berger descobriu que havia sinais de atividade elétrica no cérebro... (...) As pesquisas de Walter e de Adrian. com quem trabalhava, trouxeram o seu primeiro resultado positivo no dia em que levando à sala de cirurgia um paciente no qual o traçado cerebral acusava sensível anormalidade (5 ciclos por/s em lugar de 10 como ocorre normalmente), lá encontraram a causa do êrro, um TUMOR CEREBRAL. A eletroencefalografia realizava assim o seu primeiro diagnostico.» (nossos os grifos).

É de se admirar que um ilustre intelectual nem reparasse que essa prova, diz bem claro «a causa do êrro, um TUMOR CEREBRAL». Logo, então, onde está aí a prova de que a causa dessas radiações são os pensamentos, se ali nada diz dêstes ? O dr. Osmard afirma uma coisa, e como prova apresenta outra. E como se enganar tanto com os sábios Berger e Adrian, se êstes foram claros ao deixar entendido que — «As ondas observadas SÃO CEREBRAIS, de inatividade, E NÃO DE PENSAMENTO ?» Veja-se que as radiações permanecem inativas, não oscilando no seu ritmo normal, em relação ao pensamento que pode variar sem perturbá-las, uma vez que a causa é outra. A verdadeira causa dessas radiações, de natureza elétrica, está nos movimentos eletrônicos das moléculas gigantes das proteinas da estrutura das células cerebrais. Esta mesma natureza de radiações elétricas foram obtidas com células isoladas, dissecadas nos laboratórios, provando assim não ser necessário a presença do ato de pensar para a existência das radiações.

E sendo as células de natureza elétrica, concentrada aos bilhões na massa cerebral, em trabalho sincrônico, o potencial de suas vibrações são captadas nos laboratórios. A seqüência dêsse ritmo, dentro das condições normais, mantém-se num nível equilibrado, independente, como já dissemos, das variações dos diferentes tipos de pensamentos. No entanto, tratando-se de fenômenos de origem físico-químico, da fisiologia orgânica, basta que haja perturbações na mecânica somática, como sejam tensões ou vibrações orgânicas, provocadas por esfôrço atencional ou choques emocionais, ou alterações na composição ou irrigação sangüinea, ou afecções locais, enfim, qualquer causa estrutural suficiente para perturbar o trabalho sensível das células cerebrais, ativando-as para mais ou para menos, para que reflitam nas radiações, acusando a anormalidade.

Por isso mesmo que o eletroencefalograma é utilizado em hospital para diagnóstico de doenças relacionadas com o cérebro, e não para descobrir diferentes tipos de pensamentos, predicados êstes que não sendo causa não alteram as radiações.

E sendo as células nervosas de natureza elétrica, suas radiações podem ser constatados em qualquer outra área do corpo orgânico, por onde pas-

sam fios nervosos, os neurônios, cujo pontencial está em relação com a quantidade de células observadas. Só isto bastaria para provar que as radiações nada têm com o trabalho mental do pensamento.

Êsse assunto, embora dentro da fisiologia orgânica, não se pode entendê-lo, caso não se conheça algumas noções dos estudos da matéria e energia. É o que estaria faltando ao dr. Osmard, como bem revela ingenuamente nesta sua atitude, em que, apesar de estar com a fórmula da equação de Einstein nas mãos, lamenta que o sábio a levou para o túmulo. E, com inocência, expondo-a na mesa, E = M C 2, afirma que essa história complicada só poderia ser ventilada pelo sábio, se êle pudesse voltar.

É infantil êsse engano do nosso inconsolável combatente, pois se está com a fórmula, já não mais se trata de segredo. Tanto assim, que até nós aqui podemos equacioná-la, tirando-o dessa preocupação.

Vejamos em números redondos, com reduções simples e acessíveis.

E = M C 2 : — Converter a matéria condensada para energia (E), supondo-se a massa (M) do eléctron no valor de 0,000005 unidades.

Eleve-se a velocidade da luz ao quadrado - 300.000 x 300.000 = 90.000.000.000 (C 2) (noventa bilhões), cujo resultado multiplique por aquêle valor — 0,000005 — da massa (M) eletrônica e obterá o valor de — 450.000 (quatrocentos e cinqüenta mil) electrons Volts, em energia (E) liberada.

Se houver êrro numérico, por lapso de revisão, será fácil, aos interessados, refazer a operação, seguindo-se êsse esquema.

É coisa tão simples que até aconselhamos, como aquela história do ovo de Colombo, ao dr. Osmard dizer que disso já sabia, antes que algum curioso pergunte :—o que o dr. Osmard andou fazendo pelos colégios ?

E assim, o nosso atacante, desconhecendo o assunto da matéria e energia, aventurou-se em declarar que espíritos são produtos dos nossos pensamentos concretizados. Ora, as radiações eletromagnéticas, quando voltam a se condensar (materializar), não saltam para as formas modeladas da natureza, para se julgar que as radiações cerebrais se concretizam em fantasmas. As primeiras condensações da energia em matéria dão-se pelas transformações em partículas elementares do Universo, os raios cósmicos (mesons, positrons, neutrinos...). Assim, essas primeiras partículas invisíveis, materializadas, quando encontram condições propícias no Universo, compõem-se em sistemas atômicos que, prosseguindo no ciclo evolutivo, unem-se em moléculas, atingindo a natureza das formas da matéria planetária, que se diz substância.

É esta a fase da matéria que estrutura os três reinos planetários. Logo, as radiações cerebrais, sendo eletromagnéticas, fugindo a 300 mil qm/s pelo espaço a fora, não iriam estacar a alguns passos, como julga o dr. Osmard, para se concretizar, como um golpe de mágica, em forma de substância ectoplásmica. Isto, como julga, seria uma derrogação das leis do Universo.

Deixe o dr. Osmard de recorrer a teorias seculares, e atente pelo que dizem os físicos de hoje, e compreenderá que é insensato julgar que a energia, ao se condensar, salta para a forma das substâncias, como seja, o ectoplasma. A origem desta substância é outra, que não seja o pensamento do agente emissor.

Aproveitando espaço, vejamos mais êste outro seu tema.

Comentou — «que tão mais complexo e evoluido seja o cérebro, mais requintadas são as suas propriedades elaborativas.»

Êsse é outro ponto do seu materialismo, onde argumenta, lá no seu livro, que a necropsia, de homens talentosos, revelou que a zona cerebral responsável pelo trabalho do gênero intelectivo, a que se dedicaram, apresenta uma estrutura mais desenvolvida de células do que o comum. Daí a conclusão do dr. Osmard de que o talento já vem naquela excitação celular, autêntica calosidade, desde o nascimento. Mas quem viu êsses cérebros, logo na sua origem, antes de trabalhados, para afirmar que já nasceram com aquelas zonas calosas, quando só os vemos após a morte do indivíduo ? Como exemplo, não se nega

que o trabalhador rude já nascera com fortes mãos, mas não se vai dizer, porque se dedicou a essa pesada tarefa, que já teria nascido com elas calejadas. Mas, assim poderiam julgar os apressados, se por hipótese sòmente conhecessemos as mãos humanas após a morte, tal qual está prejulgando o dr. Osmard, em relação ao cérebro, tomando o efeito pela causa.

Vamos de relance pelas suas notas numeradas.

Notas n.os 7 e 9 : — A estas, damos o nosso desprêzo porque as transcrições foram deturpadas, grosseiramente, com arranjos, modificando o sentido das frases. Vejam os leitores, por favor, essas notas do adversário, na Revista do mês passado, e procurem lá nos nossos Revides de 15-11-61 e 15-1-62, e notem que não se acham aquêles trechos, tal qual o dr. Osmard apresentou-os, como se fôssem nossos. Na nota n.º 9, além daquela adulteração, onde não disséramos que — Labilidade é doença mental..., esta frase, mesmo assim, se não tivesse sido truncada, na fase final, ainda daria para transparecer o sentido. Infelizmente, tratando-se de três golpes seguidos, não se pode atribuir a descuidos. Portanto, descoberta a fraude, repudiamos essas notas, que vieram enegrecer uma das poucas coisas do agressor, a honestidade, que julgávamos salva entre os escombros a que ficou reduzido o seu desastrado cientificismo.

Nota n.º 8 : — Da sua consulta, aos — altos níveis — do Rio, não se desvie. Para escapar de uma coisa, nos atribue outra.

Nota n.º 10 — Nesta, como se vê, do caso Nobel, o dr. Osmard, fechado no nosso cêrco pela ciência, procura escapar pelas ironias. Pois lá onde está aquêle nosso trecho, do caso Nobel, na Revista de março ùltimo, logo nas linhas anteriores, há pesadas acusações, denunciando aquela sua falsa declaração atribuida aos diretores de Sanatórios para Débeis Mentais. No entanto, lá não viu isso, passou por cima. Claro, se tivesse recurso para livrar-se dessa grave acusação em que se curvou, não iria perder tempo no terreno das ironias.

Como vemos, enquanto se disfarça com gracejos, nós o catigamos duramente no campo da ciência.

Nota n.º 11 : — Insiste em encobrir sua contradição, no caso das histéricas que, no seu livro, são e não são bôas pacientes em hipnose. Contorna-se declarando que quantidades não revelam qualidades. Então veja : Se a boa fertilidade de um elemento é indicada pelo volume de sua produção, este número revela aquêle valor qualificativo. Entendido ?

Nota n.º 12 : — Para atacar o Espiritismo levou para a sua literatura, com elogios, os sábios Richet, Crookes e Rhine. Como lhe apontamos o seu engano, na interpretação científica do que dizem êsses cientistas, favoráveis aos fatos espíritas, o nosso volúvel atacante, para não capitular, preferiu retroceder, declarando não mais acreditar nas declarações literárias dêsses sábios. Mas é preciso ver se os leitores e colegas do dr. Osmard vão acompanhá-lo nessa sua atitude retrôgrada, deixando de acreditar no bom senso daquêles célebres sábios, para acreditarem naquelas confusões e contradições da sua literatura de hipnose.

Saiba o dr. Osmard, que pouquíssimos espíritas teriam visto fantasmas. Mas se acreditam nêles, assim como acreditam nas moléculas, átomos, raios cósmicos, e tantas outras coisas, que só os pesquisadores observaram, é porque os sábios assim afirmam, através de suas documentações literocientíficas. Portanto, a sua atitude é de leigo ao declarar que só acredita nos fatos comprovados nos laboratórios, se os trouxerem na porta de sua casa, quando os cientistas cruzam países e até continentes na busca de verdades. Imaginemos, o que seriam das academias, se não mais acreditássemos nas literaturas científicas, sendo os sábios obrigados a bater de porta em porta, para apresentar suas provas de laboratório. Francamente, até é incrível que essa idéia seja de um inteligente acadêmico que, por sinal, ainda é autor de livros.

E, finalmente, encerrada esta polêmica, com a despedida do nosso opositor, após um ano de luta, como última fase declaramos que no decorrer dos debates mantivemos com firmeza tôdas nossas acusações, as quais nenhuma vez foram desmentidas, por onde revelamos com fatos as bases falsas da literatura do dr. Osmard, contra o Espiritismo. Ba-

tido no terreno da ciência, recorreu à velha tática, objetivando tirar-nos da tese em discussão, em cuja cilada não nos apanhou. De início recorre a ironias, seguindo-se a gramática, quase perdeu-se em ataques pessoais e, no último desespêro, arriscou-se com perigosas cartadas, deturpando e truncando transcrições nossas, atitude esta que mais agravou sua derrota.

Contudo, ainda assim, não saimos em mágoas com o nosso revoltado atacante, reconhecendo seu direito de defesa, ao ver sèriamente abalado, nesta cruel refrega, seu prestígio literário, pelo que nos perdôe se as vêzes usamos severa franqueza.

E assim, com o adversário recuado da linha de frente, pudemos dominar o campo da ciência, no que rejubilamos, considerando-se seu alto valor intelectivo.

E aqui despedimos, do nosso ilustre opositor que, apesar dos nossos choques de idéias, continua na nossa leal admiração.

V. O. Casella

Av. Barroso, 378 — Araraquara
Est. S. Paulo

N. do A. — No nosso último trabalho, na pág. 108, terceira linha da segunda coluna, onde por um lapso saiu: «...aquêles por êstes» leia-se por favor: «...aquêle por êstes».

No Turbilhão

SEM que nos seja possível evitar o envolvimento no turbilhão da existência terrena, que tudo vai arrastando para o efêmero destino dos sêres e das coisas, temos, contudo, sabido manter a nossa linha própria de conduta, mau grado as tremendas vicissitudes que têm de suportar todos os que aplicam sua atividade em alguma coisa útil e benéfica à coletividade humana, de que fazemos parte.

Nosso jornalismo militante não suporta as volúpias da moda, com que nêste século da valorização astronômica do calcanho, só por si oferecendo renda superior a um milhão de cruzeiros, por mês, a alguns dos seus felizes portadores, os cérebros também querem dar-se ao desplante de funcionar sòmente quando movidos por interêsses mercantís, tão subalternos como os que mais o sejam...

Não vendemos a nossa consciência! Sejam quais forem as consequências da nossa inflexível e voluntária atitude, recusando-nos a fazer jornalismo por dinheiro, aqui estaremos até o dia em que fôrças tivermos para manter a nossa integridade moral e intelectual. Quando tudo nos faltar; quando se apropriarem completamente de tudo o que adquirimos com ingentes sacrifícios e inaudita resignação e paciência, então daremos por finda a peleja do bem contra o mal, do bom ânimo contra a inércia moral com que nos acenam como constituindo a melhor situação para os velhos...

O século caracteriza-se por um generalizado embrutecimento dos espíritos, conseqüente à perda, que era fatal à vista das conquistas da ciência, do respeito pelas fórmulas padronizadas de salvação, que consistiam em indulgências e favores especiais aos crentes e adeptos submissos, contrastando com as penas do inferno para os insubmissos a essa padronização ostensiva e desabusada. Ninguém mais tem fé em coisa alguma que seja independente do império dos sentidos e do imediatismo da vida. Sendo assim, a um homem que se emancipou completamente dessas fórmulas e que nenhum valor mais pode dar às coisas imediatas, além do que essas coisas merecem e que é o mesmo que se pode dar à lenha ou ao carvão para aquecer a caldeira, ao milho para nutrir as galinhas, ao inhame para engordar as manadas..., isto é, um valor ponderável, não, porém, que nos obrigue a inteligência a só se ocupar com essas coisas; a um homem, por assim dizer, livre à imitação do Cristo — livre para fazer o bem, para

dizer a verdade, para não se submeter a convenções nem a cambalachos políticos, econômicos, de qualquer espécie que sejam, mesmo religiosos; mas que a ninguém quer agredir pessoalmente senão aos costumes; que a ninguém quer mal, pelo contrário, a todos ama e ora pelos seus inimigos e perdoa as ofensas e se humilha e não dá importância alguma às coisas exteriores...; a um homem assim, resta sómente contar com outros homens que tenham honestidade, que tenham caráter, que tenham honra, que tenham dignidade, para realizar alguma coisa, porque a ninguém impõe pelo dinheiro, pelo abuso da necessidade dos outros, mas a todos pede uma cooperação livre e respeita a atitude de quem com êle não quer cooperar, porque nos outros reconhece o mesmo direito que lhe assiste de fazer ou deixar de fazer alguma coisa sòmente em virtude de lei, que é regra para a sociedade civil e mais forte regra também é para a sociedade religiosa, — isso porque amizade não se compra, confiança não se impõe.

Ninguém se engane com êsse homem: êle sabe onde está o ladrão, lança as suas objurgatórias contra a ladroagem, mas está disposto a abraçar o ladrão e dar-lhe o pedaço de pão de que precise; angustia-se por ver que lhe falham aos contratos e se enraivece mesmo contra os deshonestos, mas trata o deshonesto como irmão e jamais o denuncia, apenas na intimidade admoestando-o, quando possível; conhece os que o insultam e desprezam por despeito, os que caluniam por estupidez e ignorância das sábias leis de Deus, mas o que faz é orar pelos que revelam tão baixos sentimentos.

A vida em Deus é diferente da vida em Mamon. Há hoje em dia muitos homens que só confiam no dinheiro: a êsses o dinheiro dará entêrros de primeira ordem, com ceremônias faustosas e mausoléus arquitetônicos, conquanto os vermes, como a todos os demais, não deixem de se repoltrear, horrendos, nos seus despojos, com a agravante de que só a êstes é que dão valor, ao passo que os homens que buscam ter vida em Deus, entregam os seus despojos aos vermes, mas a alma entregam a Deus, porque no Pai acreditam e na sua divina misericórdia confiam.

Ai dos vingativos e dos caluniadores, dos despeitados e dos invejosos, dos que desvairam pelo dinheiro e pelas posições sociais, porque dêles será o reino das trevas, quando não mais tiverem a seu serviço os beleguins da bajulação e do subôrno.

Um apêlo constante haveremos de fazer, até a última hora em que tivermos de passar entre os nossos irmãos de genealogia terrena, no sentido de se comportarem dignamente para com as suas consciências, tendo também muito em vista as veleidades de garantias à sua vida e aos seus bens de ordem intelectual ou econômica, porque êstes, pela sua fragilidade, podem desaparecer de um momento para outro: roubam-nos a qualquer homem, por mais avisado que seja, a demência, a caduquice, as mil vicissitudes sociais. Só o patrimônio moral é de propriedade inalienável, como o bem demonstrou Jesus Cristo que, escarnecido, foi glorificado; humilhado, se tornou eternamente o Senhor; martirizado na cruz, dela ergue-se, na ressurreição, para continuar oferecendo aos seus discípulos o pão da vida eterna e, por meio dêstes, aos seus próprios algozes, êsse mesmo pão, que a ninguém Deus nega, como se afirma na suave parábola do Filho Pródigo.

É tão sublime perdoar! É tão edificante amar até ao sacrifício! É tão delicado e nos plenifica de tanta felicidade trabalhar continuamente em pról das boas causas, humildemente, para que assim tenha valor a nossa caridade!

Que a paz do Senhor desça a todos os corações!

PHILEMON

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obséquio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

Estudos Doutrinários

I - TRADUÇÕES E DÚVIDAS — Deolindo Amorim

Durante uma série de palestras doutrinárias no Centro Espírita *18 de Abril,* há pouco tempo, apresentamos aos nossos companheiros alguns problemas, que, embora não sejam de caráter decisivo no corpo da doutrina, podem causar alguma dificuldade ou confusão, principalmente nas pessoas que porventura ainda não tenham feito estudos demorados. São problemas de forma, exclusivamente de forma, e não de fundo, isto é, de linguagem, apenas, sem repercussão no âmago ou na essência da doutrina. Todavia, é preciso não perder de vista o seguinte fato: se, na realidade, certas formas de dizer ou certos modos de apresentar um problema doutrinário não alteram a idéia capital, existem alguns casos, no entanto, em que o simples emprêgo de uma palavra pode modificar o sentido de um conceito.

Em artigo publicado na revista *O Médium,* de Juiz de Fora, por exemplo, já tivemos ocasião de mostrar, há tempos, como a troca de uma palavra por outra, em determinada edição de uma obra, modificou o pensamento de uma lição. O Capítulo XXVII, *d'O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO,* (Edição da Federação Espírita Brasileira), na explanação sôbre o «Modo de orar» (n.º 22), diz o seguinte: *A prece do cristão, do espírita, de qualquer culto, deve ser feita na ocasião em que o espírito houver subjugado a carne.* A tradução é de Antônio Lima, edição de 1917. A condição de haver *subjugado a carne* dá a entender que o melhor momento da prece é justamente aquêle em que, depois das lutas diárias, a criatura humana se recolhe e, então, pode, com mais facilidade, entregar-se à meditação, voltando-se mais para a vida espiritual. De fato, o recolhimento é uma condição psicológica, muito importante para a prece ou oração, embora a própria doutrina também diga, noutro passo, que a prece se faz em qualquer lugar, até na oficina ou no gabinete de trabalho. No mesmo capítulo está escrito, e de um modo bem objetivo, que *A prece do dia é o cumprimento dos deveres, sem exceção, qualquer que seja a sua natureza.* Todo aquêle que tiver cumprido rigorosamente os seus deveres durante o dia, no comércio, na escola, na fábrica, na caserna etc., e se está, realmente, com a consciência tranqüila, sem nenhum motivo de remorso, realizou uma prece, sem forma especial, sem palavras escolhidas, mas pelos atos, segundo se infere desta última sentença da doutrina. Seja como fôr, o estado de desprendimento e o silêncio no fim de cada dia de trabalho são muito necessários ao ato de oração. Daí, pois, a recomendação *quando houver subjugado a carne,* isto é, quando a pessoa vai para o leito, procurando refazer-se do desgaste de energia e entra, por fim, no desejado descanso físico. É um estado de espírito em que se torna mais fácil concentrar o pensamento e orar com calma e elevação. Os grandes místicos de todos os tempos tiveram os seus momentos de recolhimento para meditação. O próprio Jesus teve momentos em que também precisou ficar um pouco afastado da multidão para orar. E Êle, que já era uma oração permanente, pela pureza de sua vida... No entanto, não dispensou a prece.

Nota-se, entretanto, alguma diferença no sentido daquela lição, quando se confrontam certas edições. A edição de 1930, cuja tradução é também de Antônio Lima, já nos fala de outro modo, porque diz o seguinte: a prece deve ser feita *na ocasião em que o espírito retoma o corpo.* Não é a mesma coisa, porque *subjugar a carne,* como está na edição de 1917, e *retomar o corpo,* segundo a edição de 1930, são procedimentos distintos. A tradução de 1930 está em harmonia com outras fontes, nas quais aparece repetidamente a expressão *retomar o corpo,* inclusive na edição francêsa de 1876, publicada pela «Librairie Spirite», de Paris, na qual o mesmo período (n.º 22) está redigido

assim: *La prière du chretien, du Spirite de quelque culte que ce soit, doit être faite dês que l'Esprit a repris le joug de la chair...* A idéia é a mesma, portanto: «A prece do cristão, do espírita de qualquer culto que seja, deve ser feita logo que o Espírito retome o jugo da carne». O sentido é de *retomar,* isto é, voltar à carne, naturalmente após o sono reparador, quando amanhecemos em melhores condições de calma, por causa do repouso físico durante a noite.

Se, no entanto, alguém tomar por base a velha edição de 1917, vai ter uma idéia diferente, porque lá se diz que a prece deve ser feita quando o espírito houver *subjugado a carne,* o que quer dizer, portanto, que o melhor momento da prece é aquêle em que o espírito deixa a matéria, embora temporàriamente. A edição de 30, apoiada por outras edições sucessivas, dá uma idéia justamente contrária, porque fala em *retomar* a carne, isto é, voltar ao corpo. O ato de *subjugar* a carne é um fenômeno psíquico de puro desprendimento espiritual, superando as imposições e necessidades do corpo, ainda que passageiramente, ao passo que o ato de *retomar* a matéria é um fenômeno opôsto, porque o espírito volta ao seu lugar para reencetar a luta cotidiana. Uma das edições do *Evangelho Segundo o Espiritismo* em castelhano (Editorial Barcelona, B. A.) também nos mostra a mesma concordância com a fonte francêsa: «La oracion del cristiano, del espiritista, de qualquier culto que sea, debe ser hecha desde que el espiritu *ha vuelto a tomar el yugo de la carne.*»

As edições da *Livraria Allan Kardec Editôra* (LAKE, de S. Paulo), empregam logo o verbo *voltar,* com tôda a clareza. A edição do *Evangelho Segundo o Espiritismo,* de 1949, tradução de Júlio Abreu Filho, fala simplesmente dêste modo: *A prece do cristão, do Espírita, de qualquer culto, deve ser diàriamente logo que o Espírito volte ao jugo da carne.* Já na 3.ª edição da LAKE (tradução atualizada por Torrieri Guimarães e revista por Carlos Imbassahy) o mesmo período é traduzido de outra maneira, sem alteração no sentido: *A rogativa do cristão, do espiritista e de qualquer culto que seja, deve ser feita desde que o Espírito haja retomado o jugo da carne...* Apenas substituiu-se a palavra oração ou prece, que aparece em tantas edições nacionais e estrangeiras, pela palavra *rogativa.* A diferença, como se vê, é apenas de redação, de uma tradução para outra, pois ninguém é obrigado a traduzir os textos ao péda-letra. A edição anterior preferiu, por exemplo, dizer assim: logo que o Espírito *volte ao jugo da carne.* A outra tradução entendeu, entretanto, que ficaria melhor assim: logo que o Espírito *haja retomado* o jugo da carne. Formas de dizer, e nada mais, pois o sentido é o mesmo nas duas formas. Muitas vêzes, até, por uma questão de aperfeiçoamento literário, o tradutor pode modificar a redação, dando uma configuração mais elegante ou mais clara, mas é indispensável, acima de tudo, que o faça com tôdas as cautelas para não prejudicar o pensamento ou dar motivo para ambigüidade na interpretação. Há ocasiões em que a troca ou a transposição de um vocábulo dentro do texto nada altera, e pode, ainda, emprestar mais concisão à idéia. No sentido lato, por exemplo, *rogativa* e *prece* exprimem uma única idéia. A substituição em nada modidificou o espírito da lição. É certo, porém, que *rogativa* geralmente se emprega no sentido específico de suplicar, e suplicar é rogar, é implorar. Nem sempre, porém, se faz prece para pedir ou rogar, pois também se faz prece para agradecer, como para exaltar ou louvar. A maioria da humanidade realmente só se lembra de Deus para pedir ou rogar, mas a doutrina espírita nos dá outra idéia da prece, com um sentido muito mais amplo, porque a oração deve ser um ato de consciência, uma espécie de «explosão dalma», que tanto pode significar inquietação ou tristeza, como pode traduzir alegria ou reconhecimento. Se tomarmos *rogativa* no sentido estrito de súplica, naturalmente haverá uma restrição de pensamento. Desde, porém, que se compreenda o pensamento geral do texto, não haverá dificuldade. O essencial da lição é o valor da prece.

Como se vê, há uns tantos problemas, que ficam na forma e não descem ao fundo. São problemas de tradução, apenas de tradução e, por isso, não decorrem de contradições ou falhas da Doutrina. Isto não quer dizer que não haja casos em que o emprêgo de certas

palavras não altere o sentido de uma frase ou de um período inteiro, causando certa dificuldade na interpretação. A lição doutrinária, no mesmo ponto aqui citado, fala em *espírita de qualquer culto,* como já vimos. O que se compreende nessa lição é que a prece, em qualquer culto, em qualquer agrupamento religioso, é sempre benéfica, desde que seja sincera. Por extenção, o comentário diz espírita de *qualquer culto,* no sentido indeterminado, fazendo ver que o valor da prece está no sentimento, não importando saber se é de um espírita, um católico, um judeu, um maometano. Existe, porém, uma transcrição em que êste mesmo ensino, que está *n'O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO,* aparece de outro modo, dando uma idéia já um tanto diferente. É o que se lê, na edição de 1946, do livrinho intitulado *A PRECE* (Edição da Federação Espírita Brasileira), o que, aliás, foi objeto de algumas observações em nosso artigo, publicado na revista *O Médium.*

O capítulo é o mesmo, com os seus comentários, mas a redação não é inteiramente a mesma, porque a palavra *cultura* foi alí colocada, em lugar de *culto,* dando motivo à modificação do sentido. O que está no texto, segundo o «EVANGELHO...», como já vimos, é o seguinte: *A prece do cristão, do espírita de qualquer culto,* etc., etc. O capítulo reproduzido no outro livro—*A PRECE*—foi traduzido nos seguintes têrmos: *A prece do cristão, do espírita, qualquer que seja a sua cultura, deve ser feita logo que o Espírito retome o pêso da carne.* (Edição de 1946). Ora, espírita de *qualquer culto* é uma coisa, espírita de *qualquer cultura* é outra coisa. Vê-se claramente que a palavra culto foi empregada em harmonia com o pensamento geral do contexto, isto é, na acepção religiosa, com o intuito de evitar problemas de ordem sectária, pois o Espiritismo, como afirma o próprio *EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO,* está acima de todos os cultos. É êste o espírito da lição. Nada tem que ver com a *cultura,* tomada no sentido de preparo intelectual. A expressão *espírita, qualquer que seja a sua cultura* não forma sentido dentro daquêle contexto. Poder-se-ia ampliar o pensamento e dizer que a prece do espírita, tanto faz do analfabeto como do homem de ciência, é sempre útil quando a intenção é boa. Estaria certo, mas a verdade é que o ensino original da lição tem um objetivo, e é justamente o de colocar o valor da prece acima das divisões religiosas. Daí, como fôrça de expressão, a idéia de *espírita de qualquer culto,* sem cogitação de cultura intelectual, que não vem ao caso.

Na edição da LAKE, de S. Paulo, o mesmo ensino está escrito assim: *A rogativa do cristão, do espiritista e de qualquer culto que seja, deve ser feita desde que o Espírito haja retomado o jugo da carne...* Aliás, a revisão deixou passar um *r* e, por isso, em vez de culto, saiu *cultor...* o leitor compreende logo o êrro gráfico, muito comum nos trabalhos de composição. Não sabemos como entrou, ali, a conjunção *e,* que não está nas outras traduções: «A rogativa do cristão, do espiritista *e* de qualquer culto... (*A Prece,* 5.ª edição; *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* 3.ª edição — LAKE).

Depois destas considerações, a propósito de uma série de estudos doutrinários no Centro Espírita *18 de Abril,* do Rio de Janeiro, fizemos sentir aos companheiros a importância, que têm as traduções, em relação ao pensamento de determinados ensinos doutrinários. Se, realmente, alguns casos não criam problemas, porque a discordância é apenas de forma ou de palavras, é inegável, todavia, que ocorrem, às vêzes, problemas difíceis, por causa de certas expressões, que variam, como se sabe, de acôrdo com as traduções e as preferências do editor por esta ou aquela forma. Sempre que seja possível, e nem sempre o é, convém confrontar edições diversas. O melhor de tudo é ir à fonte original, mas isto é difícil e quase sempre impossível, porque sòmente poucas bibliotécas e pouquíssimos estudiosos e eruditos possuem edições originais de algumas obras. Enfim, como orientação, para aquêles que se iniciam nos estudos da Doutrina Espírita, aqui ficam estas duas regrinhas:

a) — sempre que possível, observar as traduções e verificar se há ou não concordância, desde que não haja meios de fazer confronto com a edição original;

b) — quando se der o caso de haver mais de uma edição de uma obra, e se o Autor ainda estiver *vivo*, procurar sempre examinar a última edição, para saber se o Autor ainda sustenta as mesmas idéias e se acrescentou ou eliminou alguma coisa.

Vamos deixar para próxima vez o que se refere à expressão *espírita de qualquer culto*, pois êste ponto sugere considerações especiais.

Pela Unificação do Espiritismo

Por André Dumas

Ex-Presidente da Federação Espírita Internacional
Vice-Presidente da União Espírita Francêsa
Membro da Comissão de Honra do Instituto de Parapsicologia da Argentina

I — Que é o Espiritismo? Um conjunto de *crenças* ou um conjunto de conhecimentos? Se é um conjunto de crenças, não haverá nenhuma possibilidade de unificá-lo, a mênos que se institua uma autoridade «infalível», reconhecida por todos os Espíritas, um Papa, um Sacro Colégio ou um Consistório, que decida, de uma vêz por tôdas, aquilo em que os Espíritas devem crer ou não crer; que estabeleça, portanto, um dogma e que declare heréticos e excomungue aquêles que não se harmonizarem com êsse dogma. Se, ao contrário, o Espiritismo é um conjunto de conhecimentos, e mesmo, se vier a tornar-se tal—o que espero se dê —faz-se necessário adotar um critério que seja universal e que cada um concorde em seguir.

Êsse critério universal existe; não há senão um: *a Ciência*.

Adotar êsse critério implica em submeter o pensamento a uma certa disciplina, que se renuncie a tudo admitir, a crer, por exemplo, que as estrêlas são luzeiros pendurados da abóboda celeste, ou que a terra é chata e o inferno se situa em sua parte inferior. Isso são crendices e a disciplina científica força-nos a rejeitar as crendices, as idéias que são contrárias aos nossos conhecimentos.

É graças a essa disciplina que os biologistas de todos os países estão de perfeito acôrdo sôbre a estrutura da célula viva e que os químicos de todo o mundo têm a mesma opinião sôbre a composição e propriedades do ácido sulfúrico.

Portanto, para unificar-se, isto é, para apresentar, em todos os lugares e meios, conclusões semelhantes e incontestáveis; para adquirir valor eficaz no mundo contemporâneo, ou mais pròpriamente, *para conquistar sua posição entre o conjunto dos conhecimentos humanos*, o Espiritismo deverá tornar-se Científico.

Mas, observe-se, isso não significa absolutamente que o Espiritismo deva ser exclusivamente experimental, que não deva ocupar-se senão dos fenômenos. Ciência significa *conhecimento*. O Espiritismo deverá tornar-se uma Ciência; não a Ciência dos fenômenos, mas a Ciência da Alma como realidade autônoma, distinta do corpo e sobrevivendo à morte do corpo; o conhecimento de sua natureza, de sua propriedade e de sua evolução.

II — Tôdas as Ciências têm uma filosofia: o Espiritismo, deverá, portanto, ter a sua. A filosofia de uma Ciência é constituida pelo conjunto das conclusões dessa Ciência. A filosofia do Espiritismo será, porisso, o conjunto das conclusões do Espiritismo científico, conclusões alicerçadas sôbre a natureza da Alma, sôbre suas relações com o corpo físico, sôbre suas atividades no mundo espiritual, sôbre sua anterioridade e sua origem, sôbre as leis de seu desenvolvimento e de sua ação, sôbre a significação da existência.

Essas conclusões deverão ser baseadas em fatos e não em mensagens mediúnicas. Muitos espíritas dão, arbitràriamente, o nome de «Ciência» às sessões experimentais e o nome de «Filosofia» ao conteúdo das mensagens mediúnicas. As mensagens refletem a mentalidade, as opiniões e as crenças das personalidades espirituais comunicantes — isso sem contar

as interferências provenientes do subconsciente dos médiuns. Essas opiniões e crenças da parte do mundo espiritual que se nos manifesta geralmente são tão diversas entre êles quanto o são entre as almas revestidas de um corpo material. As exposições filosóficas contidas nas mensagens mediúnicas devem ser consideradas, não como verdades reveladas, mas como opiniões a estudar e a considerar da mesma forma por que examinamos as opiniões coligidas pelo Instituto Gallup, ou as informações de pessoas que relatam suas impressões de viagem, reproduzindo aquilo que viram ou creram ver, ou ainda como examinamos as opiniões de Hume, Spinozza, Descartes ou Schopenhauer.

A filosofia do Espiritismo, para ser unificada e tomada a sério não deve, pois, apoiar-se nas mensagens mediúnicas ou em fragmentos de catecismo tomados emprestados a religiões dogmáticas, mas em fatos postos em evidência pela Ciência do Espiritismo.

Mas, além da filosofia de cada ciência, há uma filosofia geral, uma certa «imagem do mundo», que evolui com as contribuições de cada Ciência: a biologia com a teoria da evolução, a física atômica com a demonstração da unidade da matéria e da equivalência da matéria e da energia, delinearam marcantemente essa «imagem do mundo», essa filosofia geral. O Espiritismo, tornado Científico e doutrinàriamente unificado, deve necessàriamente acentuar também essa filosofia geral, demonstrando, na evolução do mundo e dos sêres, a ação do elemento psíquico e espiritual.

III — A Espiritualidade é uma aspiração a viver segundo uma certa norma, a adaptar os atos às concepções que se professe, é um impulso puro em direção ao ideal.

Se a Espiritualidade é una em sua essência, é, todavia, variada em suas formas. A espiritualidade do budista e a do cristão não são semelhantes. O primeiro procura fugir ao encadeiamento das ações e suas conseqüências, à ilusão do mundo sensível, e sua espiritualidade caracteriza-se pela contemplação e pela renúncia à ação. Para o segundo, ao qual se ensinou a abominar a carne, a desprezar o corpo, sua espiritualidade consiste também em renunciar ao mundo e às suas tentações. Mas, ela apresenta no amor ao próximo, um elemento positivo que implica uma atividade: «Servir». Se tal não acontece mais freqüentemente é porque o cristão vive num mundo material dominado pelo espírito de gôzo — no qual, aliás, entrechocam-se outras doutrinas filósoficas — o porque da Espiritualidade, que é um impulso insofreável, pode não existir no crente, e, pelo contrário, animar, no mais alto grau, um ateu ou materialista convicto que poderá manifestar um elevado espírito de sacrifício na vida social.

A Espiritualidade traduz, portanto, um certo nível de evolução moral e toma formas correspondentes às concepções religiosas e filosóficas do indivíduo.

Qual será o caráter da Espiritualidade inerente ao Espiritismo? Para o Espiritismo a alma evolui em um universo; seu desenvolvimento e desabrochar constituem sua finalidade natural; o mundo material é uma escola de formação do caráter, um meio de desenvolvimento e de tomada de consciência da solidariedade que liga todos os sêres em sua ascensão. Nossa Espiritualidade não será a da renúncia à vida material e do desprêzo à carne; ela fará da contemplação das belezas do Universo e da meditação, meios de vibrar em harmonia com os planos superiores, mas ela será uma *Espiritualidade ativa*, tendendo a afirmar, simultâneamente, nossa natureza interior e a do mundo material, e realizar uma vida social baseada no auxílio mútuo, na solidariedade, na benevolência entre os indivíduos e os povos.

IV — O Espiritismo pode, assim, manifestar-se sob três aspectos: *Ciência, Filosofia, Espiritualidade*. Mas êsses três aspectos não são partes separadas; estão intimamente ligados. No edifício total a Ciência constitui a base e a Espiritualidade, a cúpula.

O trabalho tendente a essa unificação progressiva do Espiritismo é essencialmente um trabalho de educação. As federações nacionais podem apressar essa evolução, organizando conferências e cursos tendo como temas:

a) CIÊNCIA

1) As grandes escolas da história das Ciências: Métodos e espírito da ciência.

2) Os fatos essenciais da astronomia e da astrofísica ; as teorias modernas relativas à gênese e à evolução dos mundos.

3) A estrutura da matéria, a arquitetura dos átomos, as diferentes formas de energia, as radiações.

4) A biologia e a paleobiologia ; a origem da vida e a evolução dos sêres vivos.

5) A psicologia e o estudo do subconsciente; o sonambulismo natural e provocado, a hipnose, a sugestão e a autosugestão, a psicanálise.

6) A parapsicologia e a metapsíquica : telepatia, conhecimento supranormal, percepção extra-sensorial ; a ectoplasmia.

7) Os fenômenos mediúnicos e a classificação dos fenômenos espíritas. Teorias e discussão das hipóteses.

b) FILOSOFIA

1) Grandes escolas da história da filosofia.

2) História do espiritualismo antigo.

3) História do materialismo, suas bases científicas atuais. O cérebro e as localizações cerebrais ; o paralelismo fisiopsicológico.

4) A crítica anti-materialista de Bergson : *Matéria e Memória.*

5) A crítica anti-materialista de Geley : O *Ser Subconsciente.*

6) As teorias da evolução : Darwin, Lamarck, De Vries. Seleção natural e influências do meio. Evolução lenta e mutações bruscas. Acaso e finalidade na evolução. A influência do psiquismo.

7) As teorias evolucionista-espiritualistas. Olivier Lodge : *A Evolução Biológica e Espiritual do Homem.* Dr. Gustave Geley : *Do Inconsciente ao Consciente.*

c) RELIGIÃO E ESPIRITUALIDADE

1) Grandes escolas da história das religiões. Mitos pagãos e mitos cristãos. Mitos, dogmas e impulso espiritual : a letra mata, o espírito vivifica. As grandes correntes religiosas contrapuseram sempre a Chama Espiritual à cinza dos dogmas.

2) A unidade dos ensinamentos essenciais das grandes correntes espirituais. Aldous Huxley : *A Filosofia Eterna.* A Índia : Vedantismo, Budismo, Yoga. A China : Taoismo. A Moral do Egito Antigo : O *Livro dos Mortos.* A espiritualidade dos Peles-Vermelhas. O Ensino do Evangelho : O *Sermão da Montanha.* São Francisco de Assis, Sebastião Castellion. O Islão. O Sofisma.

3) A síntese espiritual Oriente-Ocidente : Ramakrishna, Vivekananda, Gandhi, Rabindranath Tagore, Aurobindo. A mística cristã-evolucionista do R. P. Theilard de Chardin.

4) Ciência e Espiritualidade : Alexis Carrel, Leconte de Nouy, Einstein.

5) À procura de uma espiritualidade adaptada ao mundo moderno : O Espírito não deve fugir do mundo material, deve dominá-lo.

Tais são as linhas essenciais de um ensino progressivo que poderá fazer avançar o movimento espírita internacional, com vistas à unificação doutrinária.

Trabalho intenso, dir se-á. Sem dúvida. Mas as grandes tarefas requerem grandes exigências. E é uma grande tarefa conferir ao Espiritismo Internacional, fôrça e autoridade para dirigir ao mundo, privado de bússola, sua mensagem renovadora. Provendo uma base científica aos anseios espirituais do homem e ao ideal de fraternidade humana, o Espiritismo prepara a realização — impossível às religiões dogmáticas — da grande comunhão pacífica universal.

«YOURS FRATERNALLY» — N.º 45 (1.961/I) — págs. 4 a 6.

NOTA : As palavras grifadas estão impressas em negrito, no texto original.

Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de	1926	cr.$	500,00	Ano de	1949	cr$.	400,00	Ano de	1955	cr$.	400,00
»	» 1929	»	500,00	»	» 1950	»	400,00	»	» 1956	»	400,00
»	» 1946	»	400,00	»	» 1951	»	400,00	»	» 1957	»	400,00
				»	» 1952	»	400,00	»	» 1958	»	400,00
»	» 1947	»	400,00	»	» 1953	»	400,00	»	» 1959	»	400,00
»	» 1948	»	400,00	»	» 1954	»	400,00	»	» 1960	»	400,00

Serões Bíblicos - IX

Redator: LUIZ CARAMASCHI

É lícito abreviar a vida?

No outro dia, após o jantar, reunimo-nos eu e Árago na sala da biblioteca, onde nos esperavam outros companheiros. Ao chegarmos, disse Hierão a Árago:

— Estamos aqui empenhados numa discussão, sem que até agora tenhamos deslindado o assunto. Eu acho que em nenhuma hipótese se pode abreviar a vida; já o Benedito Bruco é favorável a eutanásia. Que nos dizeis a respeito?

Árago—Digo que essa é uma questão digna de ser estudada. Gostaria, porem, de conhecer tuas razões e também as de Bruco antes de arrazoar por minha vez. Dize-me Hierão: — por que és contra a eutanásia?

Hierão — Sou contra, talvez, por causa da minha formação espírita. Desde que a vida continua depois da morte corporal, e com os sofrimentos que se quis suavizar, agravados, segue-se que abreviar a própria existência, seria fazer recrudescerem os padecimentos ao invés de os abrandar.

Árago — Tu falas de sofrimentos, mas não os especificaste. Faze isto!

Hierão — Falo de quaisquer sofrimentos. Não os especifiquei porque a regra é geral e sem exceção.

Árago — Mas há dois tipos de dores no mundo, tanto para o homem como para os animais: uma é produzida pela própria natureza, e são as doenças; outra é o resultado da maldade dos homens. Um homem sofre num leito de hospital, no passo que outro urra numa câmara de torturas. Entendes, então, que num e noutro caso não se pode abreviar a vida?

Hierão — De acôrdo com a minha formação, se eu estiver sendo torturado, não mastigaria a ampola de cianureto de potássio que me mandaram esconder debaixo da língua...

Árago — E tu Bruco, que farias?

Bruco — Não tenho inibições religiosas. Mastigaria a ampola sem mais aquela. E se não dispuzesse dêste recurso irritaria os carrascos, cuspindo-lhes nas caras, afim de que apertassem a tortura e me matassem de vez. Os carrascos sempre foram umas bestas; de modo que se a gente os irrita, êles se vingam na hora; ainda mais que têm os instrumentos de matar à mão...

Árago — E no caso duma doença; agirias de igual modo, ingerindo o veneno mortífero?

Bruco — Perfeitamente. Não creio que a dor me aperfeiçôe; antes acho que ela me embrutece. Tenho observado, que os que sofrem nem por isso se tornam bondosos. Até que os bons não sofrem, e os que sofrem, raramente são bons.

— Ora, se eu tenho sempre uma bala caridosa para um animal ferido ou doente de morte, porque não terei piedade de mim mesmo em idênticas situações?

Árago — Está bem. Ambos sintetizaram suas razões, e eu, até agora, não atinei com o que dizer. Para descobrirmos como proceder em tais circunstâncias, eu proporia buscarmos exemplo num dos maiores homens que já houve nêste mundo.

Bruco — Para mim êsse homem foi Sócrates!

Hierão — Eu sobreponho Cristo a Sócrates.

Árago — Vejamos, então, como procedeu êsse insigne vulto, que foi Sócrates, em face da morte.

— Uma das mais lindas páginas que já se escreveram na terra é o «Fédon» de Platão. Marejam-me os olhos de lágrimas cada vez que releio aquêles passos em que Sócrates prefere a morte à vida, e dá o porquê. Lá diz êle:

— «Não seria, então, como eu dizia, uma coisa ridícula, da parte de um homem que se tivesse preparado, durante tôda a sua vida, a aproximar o mais possível seu modo de viver do estado a que se chega com a morte, irritar-se depois com êste fato, quando êste se apresenta a êle?» (Platão, Fédon, 31 — Atena Editôra) E prossegue:

—«Um homem que vemos lamentar-se no momento de morrer mostra que não é a sabedoria que êle ama, mas

o corpo, não é? E talvez êsse mesmo homem seja um amante das riquezas, das honrarias, seja de uma ou de outra coisa, seja das duas no mesmo tempo» (op. cit. 33). E noutro lugar:

— «Ninguém sabe, na verdade, se por acaso a morte não é o maior de todos os bens para o homem, e entretanto todos a temem, como se soubessem, com certeza, que é o maior dos males» (Platão, Apologia de Sócrates, 43—Atena Editôra).

— Na «Apologia de Sócrates» de Antístenes, está o ponto em que êste, Cebes, Ésquines e Simas, tendo reunido a soma de dinheiro necessária, a comprar os carcereiros, concitaram a Sócrates a fugir, visto que o cárcere estava aberto, as cadeias sôltas e os guardas subornados. O diálogo que se seguiu disto «é magnífico de fôrça moral» como muito bem expressou o tradutor da obra «Apologia de Sócrates» de Platão pág. 111 e 112. Diz Sócrates:

— «Minha fuga seria a morte da minha palavra, a morte do meu pensamento. Conservando a vida, eu me tornaria indigno. Minha palavra, espalhada e amada, pode fazer algum bem. Não me peças que eu mate a minha palavra. Outros juizes poderão se precaver contra a injustiça e outros inocentes poderão ser poupados. Seria covardia e crueldade não procurar salvá-los».

— E quando, meus amigos, Sócrates se avizinha de seus últimos momentos de vida, manteve êste diálogo que, na opinião de Will Durant, é um «dos mais sublimes fragmentos da literatura do mundo». Ei-lo:

—«Sócrates levantou-se e dirigiu-se ao banheiro com Críton, que nos mandou ficar à espera; e esperamos, a conversar e falar sôbre... a grandeza da nossa dor; êle era como um pai de quem íamos nos ver separados, e teríamos de passar como órfãos o resto de nossa vida... Já se avizinhava então a hora do pôr do sol, pois se passara muito tempo desde que Sócrates se dirigiu à sala do banheiro. Ao sair sentou-se novamente conôsco... mas não nos dissemos muita coisa. Em pouco entrou o servidor dos Onze... e se postou junto dêle, dizendo: «A vós, Sócrates, que reconheço ser o mais nobre, mais delicado e o melhor de todos os que têm estado neste lugar, não atribuirei os sentimentos de outros homens, que se encolerizam e praguejam contra mim, quando, em obediência às autoridades, mando-os beber o veneno; tenho a certeza de que não vos enraivecereis, já que cabe a outros, não a mim, a culpa dêste ato. Assim eu vos saúdo e exorto a sofrer animosamente o que não pode ser evitado; conheceis a minha missão». E nêsse ponto, prorrompendo em pranto, voltou-se e retirou-se».

«Vendo-o a sair, Sócrates disse: «Retribuo tua saudação e procederei segundo mandas». E em seguida, para nós: «Êste homem é cativante; desde que estou prêso vem sempre ver-me e agora mostra-se generosamente condoído de minha sorte. Mas devemos fazer o que êle diz, Críton; que tragam a taça, se já prepararam o veneno; se não, que o faça o encarregado disso».

«Críton respondeu: «Mas os raios do sol ainda iluminam os cimos dos montes e muitos houve que tomaram a bebida mais tarde; e, depois de a mandarem tomar, ainda os deixaram comer e beber e entregar-se aos prazeres do amor; não vos apresseis, portanto; ainda não chegou a hora».

«Replicou-lhe Sócrates: «Sim, Críton; êsses a quem vos referis andaram bem procedendo assim, já que achavam proveitosa a demora; quanto a mim, tenho razão de não me portar dêsse modo, pois não julgo que lucre alguma coisa bebendo um pouco mais tarde o veneno; estaria a preservar uma vida que já perdi; com isso apenas me enganaria a mim próprio. Peço-vos, pois, que façais o que digo».

Não há vida sem sofrimento. Não estamos no Paraíso, mas na Terra. Sabes o que isto significa? Evolução, luta, trabalho, reação. Temos de construir o nosso próprio futuro, através de vidas sucessivas.

José Brígido

Crônica Estrangeira

O MÉDIUM CUROU-A PELO TELEFÔNE

De «Estudos Psíquicos»

Há tempos *Two Worlds* publicou a seguinte carta narrando uma cura estranha por processos psíquicos e cuja autora é muito conhecida em Inglaterra.

«No dia 8 de abril estava eu comprometida para o programa «Narradores de Histórias», na Midland Television (ATV). Tinha que contar uma das minhas reportagens de aventura diante das câmaras e em 15 minutos. Imaginai o meu horror, quando despertei na segunda-feira de Páscoa com a voz transformada num murmúrio rouco e agravando-se de minuto a minuto! Quando a minha voz se enrouquece, o mal dura pelo menos uma semana e pensei — «nem sequer posso comparecer». Mas isso era um desastre, sendo esta a primeira vez que eu aparecia naquêle programa e com um produtor que não me conhecia e que não comprenderia, portanto, que sou mais capaz de me arrastar a um compromisso do que deixar alguém mal colocado. Indecisa sôbre o que faria, recolhi o correio da manhã e entre êle deparei com um folheto dum perito em curas espíritas, George Chapman, convidando-me a ir à sua clínica em Aylesbury, Bucks. Conheço muitos especialistas e poderia ter telefonado a qualquer dêles. Mas em segunda-feira de Páscoa a dificuldade era saber se algum dêles estaria livre.

Mas tive um palpite ao telefonar a êste estranho. Liguei o aparelho e pedi para lhe falar pessoalmente. Quando me respondeu murmurei roucamente:

—«Chamo-me Evadine Price e apanhei uma tal constipação, que estou a perder ràpidamente a voz. Tenho um compromisso importante na TV, em Birmingham, amanhã à noite. Pode o senhor tratar-me à distância?

Chapman respondeu-me que o tratamento começara imediatamente.

— Quer que faça alguma coisa?— grasnei.

— Nada! — foi a resposta.

Cortei a ligação e esperei o melhor.

E dentro de duas horas a minha voz começou a voltar à sua clareza.

O meu resfriamento ficara completamente curado nessa mesma manhã! Dirige-me a Birmingham e, posto que a minha garganta me parecesse lixa, a transmissão foi feita sem contratempo. E o produtor ainda me cumprimentou pela minha dicção com estas palavras: «A sua voz é tão vibrante e clara como a de um sino».

ELA VIU O ANJO DA MORTE

Por V. A. Peacock

De «Estudos Psíquicos»

Quando eu e minha noiva tínhamos 18 anos começámos a nossa carreira pela pediatria e regularmente nos ocupávamos das crianças das famílias nossas conhecidas. Certa noite telefonaram-me de casa duma delas pedindo-me para lá ir; mas, ocupado com assuntos urgentes, vi-me forçado a pedir a Dorcen que me substituísse, o que ela fez de boa vontade, dirigindo-se imediatamente para o local.

A criança em questão era o único descendente do casal e, quando Dorcen chegou à moradia, a mãe, Mrs. Welles, disse-lhe que o bebé (apenas de 4 mêses) estivera todo o dia irrequieto e turbulento.

Dorcen assim fez e tal como se esperava, a criança não adormeceu e minha noiva decidiu levá-la ao parque, envolta num pequeno e leve bibe e no ambiente tranqüilo e sossegado do jardim, onde a luz do dia punha seus últimos reflexos, tentar fazê-la dormir.

Passeando lentamente pela umbrosa álea do logradoiro sentiu instintivamente estranha ternura pelo filho que apertava ao peito. E imersa nêsse contentamento estava prestes a atingir o limite do recinto, quando, atónita, reparou que uma forma angélica lhe surgiu sem que pudesse fazer qualquer gesto. Estacou, varada de espanto, para ver que a aparição não lhes despertou qualquer sentido de sobrenatural. Seus loiros e flutuante cabelos caiam-lhe sô-

bre as vestes alvinitentes. Num passo etéreo a visão aproximou-se dos dois, levantou o pequeno mantel da criancinha, beijou-a na testa e desapareceu como surgira.

Breve fora a cena ante Dorcen que, estarrecida, se não movera. Mas logo, numa reação nervosa, desatou a correr desabaladamente para casa de sua amiga que, entretanto, saíra ás compras. Ainda sob o acicate da inopinada emoção ligou o telefône para sua mãe e disse-lhe, a tremer, o que se passara. Poucos minutos depois sua mãe chegava à moradia e ambas esperaram o regresso da dona da casa.

A mãe de Dorcen, Mrs. J. Ellis, sempre patenteara dotes psíquicos e já experimentara bastantes contactos espíritas e, embora consternada, previu a morte do infante. Disse-o a Dorcen, mas pediu que não dissesse palavra aos Welles, a quem explicou que saíra a tomar um pouco de ar fresco antes de se deitar e resolvera esperar por Dorcen, que estava muito deprimida.

Na noite seguinte Mrs. Welles chamou outra vez por Dorcen. Sentia-se só, com o marido fora, e o bebé rabujava todo o dia. Mas Dorcen sentia-se horrorizada e desculpou-se, dizendo que muitos afazeres a esperavam e que não podia ir, o que sua mãe àsperamente lhe censurou ao desligar do aparelho, observando-lhe não ser êsse procedimento gentil nem cristão.

Logo Dorcen compreendeu a razão da reprimenda e decidiu-se a visitar outra vez Mrs. Welles, que a recebeu cheia de alegria; contudo, não puderam conversar, pois a pobre mãe andava constantemente a levantar-se com o filho nos braços, embalando-o, até que o deitou.

Sùbitamente ouviu-se uma pancada na porta de entrada. Dorcen levantou-se para atender, mas não encontrou alguém no patamar. Momentos depois novo toque se fez ouvir e foi Mrs. Welles que foi abrir a porta e também não encontrou qualquer pessoa. Mas ainda que ambas sentissem o fato estranho, disfarçaram o pensamento e começaram a jogar as cartas, ganhando em breve interêsse pela partida. Em certa altura Welles olhou maquinalmente para o relógio e viu que era tarde, notando ao mesmo tempo que o bebé não rabujava nem se movera no seu bercinho, no compartimento ao lado.

— Tenho que ir ver se está coberto, mas de forma a não acordá-la.

E com um passo cauteloso, a jovem mãe dirigiu-se para o quarto, enquanto Dorcen recolhia as cartas.

Foi então que a rapariga ouviu o grito mais terrível de sua vida, o grito da mãe ferida. Correu como louca para ver a pobre senhora aos gritos, apertando o filhinho nos seus braços, estreitando-o ao peito no auge da histeria e da dor. A criança estava morta.

Espiritismo no Brasil

USE - UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Rua Santo Amaro, 362 — Caixa Postal 3946 — Fône: 37-8637 — São Paulo

CIRCULAR 16/2
julho de 1962

Prezados confrades:

TRABALHO E PROGRESSO

A Diretoria Executiva da USE reunida em data de ontem adotou as resoluções abaixo, que transmitimos aos dignos confrades, órgãos, sociedades unificadas e integradas no C.D.E. para conhecimento e providências que se fizerem necessárias.

I — REUNIÕES DO CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL

Fica convocado o C.D.E. para reunir-se dia 9 de setembro de 1.962, às 9,00 horas, na sede da Liga Espírita do Estado de São Paulo, à Avenida Brigadeiro Tobias, 238 (bem próximo da praça do Correio) Capital — São Paulo.

Pretendendo a D.E. convocar a reunião de dezembro para a cidade de Cam-

pinas, consulta aos órgãos regionais e metropolitano, assim como às entidades integradas no C.D.E., a respeito do comparecimento de seus representantes, em face de possíveis dificuldades de transporte para algumas regiões. A reunião do C.D.E., se realizar-se em Campinas, será como sempre às 9,00 da manhã, provàvelmente dia 9 de dezembro de 1.962.

II — REUNIÕES DA DIRETORIA EXECUTIVA

Decidiu-se realizá-la sempre nas 2.ªs e nas 4.ªs segundas-feiras de cada mês, às 20,00 horas.

III — DEPARTAMENTOS

Foram indicados os seguintes confrades para responder pelos departamentos abaixo:

Doutrina — Dr. Luiz Monteiro de Barros.
Organização — Paulo Toledo Machado.
Soc. e Artist.—Hermogenes Zanon.
Assist. Social—Dr. Wilson F. Mello.
Finanças — Carlos Dias.
Educação — Emilio M. Vieira.
Publicidade — Paulo A. Godoy.
Mocidade — Apolo Oliva Filho.

IV — CONVENÇÃO DOS CENTROS E DEMAIS ASSOCIAÇÕES ESPÍRITAS DO ESTADO

Transferir, ad referendum do C.D.E., sine die, em face da programação de concentrações preparatórias em todo o Estado reclamar mais tempo.

V — FINANÇAS

Elaborar Orçamento para o biênio em curso, a fim de ser submetido à próxima reunião do C.D.E.—Neste sentido, é solicitado de todos os órgãos e sociedades unificadas sugestões a respeito de suas contribuições com vistas ao Plano de Produção Financeira, assim como de outras possíveis fontes de levantamento de recursos.

VI — PLANO BIENAL

Apresentar à próxima reunião do C.D.E. projeto do Plano Bienal das atividades a serem desenvolvidas pela USE na presente gestão. Tratando-se de trabalho altamente importante, solicita a D.E. de todos os seus órgãos estaduais e sociedades unificadas sugestões visando, sobretudo, a sua atualização de maneira a ir de encontro às necessidades mais imediatas do movimento espírita.

VII — CONCENTRAÇÕES PREPARATÓRIAS DA I CONVENÇÃO

Programá-las, a fim de ser apresentada à reunião do C.D.E.

Destacando a resolução do item I, que informa a próxima reunião do nosso C.D.E., a ser realizada aqui em São Paulo, dia 9 de setembro próximo, às 9,00 horas, quando muitos dos assuntos constantes desta circular serão examinados mais detalhadamente, desejamos solicitar a todos os senhores conselheiros estaduais o seu imprescindível comparecimento e aos órgãos e entidades unificadas encarecer a necessidade de se interessarem pelo comparecimento dos seus representantes. Da mesma forma, convidar aos demais confrades que desejarem melhor conhecer a USE, visitando-a na oportunidade.

Fraternalmente,
União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

Paulo Toledo Machado

Em Volta Redonda

Inauguração de uma Livraria Espírita no Estado do Rio

Volta Redonda, a Cidade do Aço do Estado do Rio, assistiu, no domingo, dia 1.º de Julho p.p. às 16 horas, à inauguração de sua anunciada *Livraria Espírita*, que fôra fundada meses antes, em 31-5-1962.

A inauguração, perante grande número de espíritas, deu-se no Edifício do Clube dos Funcionários, na sobre-loja n. 213.

Possuindo tudo quanto o Espiritismo já possui em material livresco, no campo da Ciência, da Filosofia e da Religião, a Livraria inaugurada vendeu, após a sua inauguração, milhares de livros, trazendo isto pa-

ra seus responsáveis uma parcela de Bom Ânimo.

Cortou a fita inaugural a Exma. Sra. D. Maria José Gama, esposa do Professor Ramiro Gama.

Foi orador da solenidade o Professor Ramiro Gama. O Dr. Flores também usou da palavra. O confrade Gamboa declamou linda prece em versos. O ambiente era de emoção e júbilo.

Objetiva a Livraria Espírita, além de proporcionar fácil aquisição de livros em geral sôbre a Doutrina, reverter os possíveis lucros em assistência social aos necessitados.

No intuito de colaborar com o idioma internacional, a Livraria Espírita oferecerá ao povo, também, em condições cômodas, obras didáticas e literárias do Esperanto.

Será, ainda, o local destinado, como já o foi na inauguração, um ponto de encontro dos espíritas e não espíritas, que, alí, terão um clima superior para realizar boas conversações e tomar iniciativas verdadeiramente cristãs como as do Colégio Espírita Allan Kardec, atualmente em franco e feliz progresso, pois muito brevemente estará funcionando.

A Livraria Espírita atenderá qualquer pedido de livros espíritas pelo Reembolso, pela Caixa Postal 207.

«ANAIS»

do Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Lançado ùltimamente, entre as edições «Mundo Espírita», acaba de sair o 1.° volume dos *Anais* do Instituto de Cultura Espírita do Brasil. É um trabalho volumoso, no qual estão condensadas, em resumo, as aulas de dois anos de estudo regular da doutrina espírita, juntamente com matérias de cultura geral. A parte de *Espiritismo*, que é fundamental no programa do Instituto, compreende as seguintes matérias:

Introdução à Doutrina Espírita

Elementos históricos do Espiritismo

Didática aplicada à doutrina espírita

Seguem-se, depois, as outras matérias, como *Filosofia Geral, Noções gerais de Astronomia, Lógica, História da Filosófia*, etc. Duas matérias, principalmente, estão muito bem desenvolvida nos «ANAIS» do Instituto: *Psicologia à luz do Espiritismo*, pelo Dr. Lauro S. Thiago, e *História das Religiões*, pelo Cel. Delfino Ferreira. São dois estudos instrutivos e realmente substanciosos. Tôda a matéria do volume, afinal, é interessante, oportuna e bem apresentada. E' a primeira, ao que nos conste, que se publica um trabalho desta natureza, no Brasil. A 3.ª parte do volume contém estudos especiais de colaboração, inclusive do dr. Karl Muller, atual Presidente da Federação Internacional, e do Prof. Mariotti, da Argentina. O Dr. Carlos Imbassahy escreve longo e documentado estudo sôbre «Espiritismo e Metapsíquica». Figura também nos «ANAIS» um trabalho de Deolindo Amorim sôbre *A Doutrina Espírita e a Sociologia*. Enfim os «ANAIS» são uma fonte de consulta. O Instituto de Cultura Espírita do Brasil tem a sua sede no Rio de Janeiro (Guanabara), rua dos Andradas 96 — 12.° andar.

Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo

Pelo seu *Serviço de Difusão do Espiritismo*, convida os confrades que desejarem colaborar na difusão da doutrina, a enviarem, endereçado ao Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo — Sede — Rua Dr. Bacelar, 505 — Vila Clementino —, São Paulo —, artigos ou trabalhos, manuscritos ou datilografados com espaço duplo — assinados, que serão distribuidos por todos os jornais espíritas do Brasil e do exterior.

A finalidade do *Serviço de Difusão do Espiritismo*, é a de zelar pela pureza da doutrina codificada pelo insigne mestre Allan Kardec, proporcionando aos jornais espíritas do Brasil e do exterior, a oportunidade de publicarem artigos e trabalhos de elementos representativos do movimento espírita da nossa Pátria.

Os originais que nos forem enviados não serão devolvidos.

O homem sem paciência é uma lâmpada sem óleo. — A. de Musset

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Encadernado Preço: Cr.$ 300,00.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Brochado Preço: Cr.$ 40,00.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

«Histeria e Fenômenos Psíquicos», que acaba de ser reeditada, devido a sua grande aceitação pelo assunto que encerra, é mais uma produção do saudoso Cairbar Schutel.

Esta nova edição, que é a 4.ª, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

Brochado Preço: cr.$ 50,00.

Espiritismo e Materialismo

Esta inspirada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel deve figurar na estante de todos os espíritas.

Brochado Preço: Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

pelo Reembolso Postal

Espiritismo e Protestantismo

Acaba de sair do prélo e já se acha à venda, esta oportuna obra, já em 4.ª edição.

Contém ela 135 páginas e encerra uma polêmica em pról da verdade, — luta nobilitante travada entre o nosso companheiro Cairbar Schutel e o ilustre Professor Faustino Ribeiro, em o ano de 1908, pelas colunas de «O Alfa», de Rio Claro, valente campeão em favor do bem e da justiça.

Brochado Preço : cr.$ 80,00

O Espìrito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

Encadernado Preço : Cr.$ 350,00.

O Batismo

E' mais um valioso trabalho de Cairbar Schutel, já em 3.a edição, devido à sua grande aceitação.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Referido livrinho, que já está na sua 3.ª edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita. E' mais uma valiosa contribuição de Cairbar Schutel para esclarecimento dos Fatos espíritas e as fôrças X...

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

Brochado Preço : Cr.$ 20,00.

A' venda na Livraria «O CLARIM»

Caixa postal 11 — MATÃO — SP

Atendemos pedidos

sob Reembolso Postal

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

AVENIDA 28 DE AGOSTO N.º 780

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.$350,00

Semestre — „ „ 180,00

NÚMERO AVULSO CR.$32,00

As assinaturas são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 : — : Rio de Janeiro

Em São Paulo:

LIVRARIA BATUIRA — Rua Bitencourt Rodrigues, 37

LIVRARIA EMMANUEL — Rua Quintino Bocaiuva, 161